

Quando duas epidemias se encontram: a vida das mulheres que têm filhos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus na pandemia da COVID-19

SILVANA SOBREIRA DE MATOS

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
silvanasmatos@gmail.com

ANA CLÁUDIA RODRIGUES DA SILVA

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil
acrodriuess@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp329-340

resumo Este artigo analisa os impactos da COVID-19 na vida das mulheres e crianças atingidas pelo Zika. Embora a emergência em Zika tenha finalizado, estas mulheres precisam lidar com uma “eterna emergência” para garantir sua sobrevivência e dos filhos. A partir de relatos enviados pelas mulheres construímos um panorama sobre a situação destas e das crianças em tempos de COVID-19, aprofundando questões como a dificuldade em fazer isolamento; efeitos da suspensão das terapias de reabilitação nas crianças; e a morte de crianças. Destacamos ainda que a Antropologia contribui para entendermos que epidemias globais são vivenciadas distintamente por grupos específicos, como nas mulheres e seus filhos com Síndrome Congênita do Zika Vírus que foram expostos à ansiedade, angústia, incerteza, medo, empobrecimento, adoecimento e morte em duas epidemias em menos de cinco anos.

palavras-chave COVID-19. Zika. Cuidado. Epidemias. Deficiência

When epidemics meet: the life of women who have children with congenital Zika syndrome during Covid-19 pandemic

abstract This article analyzes the impacts of COVID-19 on the lives of women and children affected by Zika. Although the Zika emergency has ended, women have to deal with an “eternal sense of emergency” to ensure their survival and that of their children. Based on reports sent by women, we built an overview of the situation of those and their children in times of COVID-19, deepening issues such as social isolation challenges; possible effects of the suspension of rehabilitation therapies on children; and also their death. We also highlight how Anthropology contributes to the comprehension that global

epidemics are experienced distinctly by specific groups, such as women and their children with congenital Zika syndrome, who have been exposed to anxiety, anguish, uncertainty, fear, impoverishment, illness and death related to two epidemics in less than five years.

keywords COVID-19. Zika. Care. Epidemics. Disability

Cuando dos epidemias se encuentran: la vida de las mujeres que tienen hijos con el Síndrome Congénito del Virus Zika en la pandemia del COVID-19

resumen Este artículo analiza los impactos del COVID-19 en la vida de las mujeres y de los niños afectados por el Zika. Aunque la emergencia del Zika se haya terminado, estas mujeres tienen que lidiar con una "emergencia eterna" para asegurar su supervivencia y la de sus hijos. Con base en los informes enviados por las mujeres, construimos una visión general de sus situaciones y la de sus niños durante el COVID-19, profundizando en cuestiones como la dificultad para aislarlos; los efectos de la suspensión de las terapias de rehabilitación en los niños; y la muerte infantil. También destacamos que la Antropología contribuye a comprender que las epidemias globales son experimentadas claramente por grupos específicos, como en las mujeres y en sus hijos con síndrome congénito del virus del Zika que estuvieron expuestos a ansiedad, angustia, incertidumbre, miedo, empobrecimiento, enfermedad y muerte en dos epidemias en menos de cinco años.

palabras clave COVID-19. Zika. Cuidado. Epidemias. Discapacidad.

Introdução¹

Em 2015 o Brasil tomou conhecimento do nascimento de crianças com a Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV). O impacto desta epidemia foi amplamente debatido nas ciências sociais. Os já consolidados estudos sobre deficiência (AMARAL, 1994; ORTEGA, 2009; DINIZ, 2007; MELLO; NUERNBERG, 2012; MELLO, 2014; VON DER WEID, 2018) ganharam novas análises (DINIZ, 2016A, 2017), bem como os estudos sobre cuidado (DINIZ 2016b; SCOTT et al, 2017, 2018; LIRA, et al, 2017; WILLIAMSON, 2018; FLEISCHER, 2018, 2017; ALVES; FLEISCHER, 2018; SILVA, MATOS, QUADROS, 2017; MATOS; QUADROS; SILVA, 2019; QUADROS; MATOS; SILVA, 2019; SCOTT, 2020a) que levantaram questões como maternidade, cansaço, itinerários terapêuticos, política pública, acesso a cidadania e desigualdades de gênero, classe, raça e região, especialmente no trabalho do cuidado.

Desde 2016 desenvolvemos análises sobre os impactos da epidemia do Zika na vida das mulheres e crianças na pesquisa Etnografando Cuidados (CAPES/CNPq/Decit/SCTIE/MS). Estas análises ganharam novas repercussões com a pandemia da

¹ A pesquisa Etnografando Cuidados e Pensando Políticas de Saúde e Gestão de Serviços para Mulheres e Seus Filhos com Distúrbios Neurológicos Relacionados com Zika em Pernambuco, Brasil, sob a coordenação de Russell Parry Scott do FAGES/UFPE teve apoio de CAPES (8888.130742/2016- 01), CNPq (440411/2016-5), Decit/SCTIE/MS, e, sob o título Action Ethnography on Care, Disability and Health Policy and Administration of Public Service for Women and Caretakers of Zika vírus affected Children in Pernambuco, Brazil, teve apoio da FACEPE/Newton Fund (APQ 0553-7.03/16).

COVID-19 colocando em tela as articulações entre deficiência, vulnerabilidade e cuidado no cenário contemporâneo de pandemia (MATOS, 2020; CASTRO; NOGUEIRA, 2020; SILVA; LIRA, 2020; WILLIAMSON, 2020; SCOTT, 2020b).

Tanto a epidemia de Zika como a da COVID-19 podem ser compreendidas como “evento crítico” (DAS, 1995). Este conceito versa sobre rupturas provocadas por situações traumáticas e de sofrimento e sua assimilação no cotidiano pelas pessoas que as vivenciaram. Os relatos que iremos trazer sobre as mulheres que tem filhos com a SCZV apresentam articulações entre deficiência, vulnerabilidade e cuidado no cenário contemporâneo da pandemia Covid-19 no qual estas vivências são exploradas e descritas em torno do processo de cuidado, isolamento social, adoecimento e morte.

Ao invés de balizarmos nossa análise no estudo clássico sobre rito de passagem, que descreve processos lineares de mudança no estatuto social (VAN GENNEP, 1978), a pesquisa Etnografando Cuidados tem demonstrado que as experiências destas mulheres e crianças afetadas pela Zika/SCZV estão mais próximas daquilo que Johnson-Hanks (2002) chamou de “conjunturas vitais”. Este conceito singulariza as experiências podendo levar a estabilizações ou caminhos invertidos na vivência da passagem de uma etapa para outra (SCOTT et al, 2018, p. 676). Em um “evento crítico” (epidemia de Zika e pandemia da COVID-19) um filho com a SCZV apresenta uma nova condição de “conjuntura vital” para a mãe que teve que abandonar a linearidade dos ritos de passagem e cursos de vida. Ao passo que com a epidemia do Zika foi quebrada a linearidade da mãe que cuida do filho, até chegar a ser mãe idosa que precisa ser cuidada por ele (SCOTT et al, 2018), com a epidemia da COVID-19, em decorrência do isolamento social, os processos de adoecimento, morte, ganhos e evoluções das crianças via reabilitação também foram reconfigurados.

Assim, o cuidado torna-se categoria central que permite conectar Zika e Covid-19. Embora grande parte do cuidado das crianças com a SCZV seja exercido por mulheres (DINIZ, 2016B; SCOTT et al, 2018), cabe destacar como informa Scott (2020) que o cuidado ocorre em diversos campos ou domínios (domínios relacionais; domínios de atendimento e domínios com o conhecimento científico) que se intersectam e se fortalecem mutuamente. Neste sentido o cuidado não é unidirecional (mãe/criança) sendo exercido por uma rede ampla de sujeitos e instituições que compartilham responsabilidades de modo desiguais e que durante a pandemia da COVID-19 tiveram sua organização desestabilizada.

Desde 2016 participamos de grupos de *WhatsApp* das famílias que tem filhos com a SCZV. A partir de relatos das mulheres/cuidadoras, via *WhatsApp*, construímos um panorama das situações vivenciadas por estas na pandemia de COVID-19 focando em questões como a dificuldade em fazer isolamento, suspensão das terapias de reabilitação e morte de crianças em época de COVID-19.

Cuidado, isolamento, adoecimento e morte: Zika e COVID-19

A invisibilidade da pessoa com deficiência e a falta de inclusão destas como parte dos grupos elencados como vulneráveis, acaba por invisibilizar também a mulher/mãe/cuidadora da pessoa com deficiência, já que, em alguns casos na incapacidade de independência e autocuidado dos filhos, há uma simbiose dos corpos naquilo que Lira et al (2017) chamou de corpo extensivo. São estas mulheres, no conhecimento prático, que irão discernir humores e sintomas dos filhos, provendo ainda suas necessidades para além do cuidado no âmbito doméstico, a exemplo dos circuitos da rua, como compras de alimentos, remédios e itinerários terapêuticos.

Já vulneráveis essas mulheres jovens, moradoras de bairros periféricos, sem acesso a saneamento básico, negras e com baixa escolaridade, foram impactadas em 2016 pela epidemia do Zika e em menos de cinco anos pela pandemia da COVID-19.

Principais responsáveis pelos cuidados de uma criança com a SCZV, essas mulheres já eram em parte versadas na etiqueta do isolamento social como lavar as mãos, evitar aglomerações e ficar em casa. Por mais que essa cuidadora vivenciasse o isolamento, o mundo da casa e do cuidado, esta imobilidade era atenuada pelos múltiplos itinerários terapêuticos vivenciados na rua. Contudo, este isolamento ganhou novos contornos com o surgimento da pandemia de COVID-19.

Com o isolamento toda uma rede de itinerários foi quebrada precarizando ainda mais estas famílias e trazendo efeitos ainda não totalmente mensuráveis nestas mulheres e crianças. Assim, a vulnerabilidade aumenta em tempos de epidemia demonstrando que a COVID-19 intensificou precariedades que continuaram a se espalhar, adoecer e matar de maneira desigual ao longo das linhas de idade, classe, raça, gênero e geografia (BIEHL; GÜNAY, 2020).

São inúmeros os efeitos deste isolamento e os grupos de *WhatsApp* em SCZV, que sempre foram ferramentas imprescindíveis na luta destas mulheres, tornaram-se local privilegiado de apoio e troca de informações com outras mães e pesquisadores. Os relatos a seguir formam um panorama sobre a situação destas mulheres e crianças em tempos de COVID-19.

De início, as mulheres relataram (1) insatisfação da pessoa com deficiência não ter sido incluída nem como “grupo de risco” para COVID-19, nem na campanha de vacinação contra a Gripe; (2) medo do contágio nas crianças e cuidadoras; (3) sobrecarga materna com o aumento das tarefas de cuidado e vida doméstica, uma vez que os demais filhos não estão indo a escola e as avós não podem incrementar no cuidado por serem do grupo de risco; (4) consultas interrompidas e dificuldade de acesso a receitas (crises convulsivas constantes e dores nas crianças); (5) violência doméstica; (6) tentativas de suicídio das mulheres; (7) rede de doações de cestas básicas e fraldas comprometidas; (8) assédio moral para que continuem a trabalhar; (09) dificuldade de acesso ao auxílio emergencial; (10) medo dos protocolos de prioridade de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) e que as crianças não sejam elegidas pelas condições de saúde preexistentes; (11) medo por estarem

gestantes novamente; (12) terapias de reabilitação interrompidas e percepção do comprometimento neuropsicomotor das crianças; (13) dificuldade de fazerem isolamento (relação de corpo extensivo) e a necessidade de suprir demandas das crianças (compras de remédios e fraldas) e (14) morte das crianças em época de COVID-19 (MATOS, 2020). Diante de tantos fatos abordados discutiremos três questões: dificuldade em fazer isolamento; suspensão das terapias de reabilitação; e morte de crianças em época de COVID-19.

Uma criança com deficiência tem diversas necessidades que precisam ser supridas por esta cuidadora, que por vezes, fica impedida de fazer isolamento a contento. Sobre isolamento e peculiaridades envolvidas no cuidado de crianças com SCZV, Germana Soares, mulher negra, mãe do Guilherme e Presidente da associação União de Mães de Anjos (PE) relatou que:

isolamento social é algo que a mãe que tem criança com deficiência já vive pela condição do seu filho, por não ter acessibilidade, inclusão, aceitação da sociedade e dificuldades de transporte. Lazer ela pouco tem. Não é só por ter um filho com deficiência, é todo um contexto que envolve a família. Geralmente a mãe é a cuidadora (Relato de Germana, concedido a Silvana Matos, no dia 26/05/20).

Em Pernambuco, com o aumento vertiginoso de casos confirmados e óbitos, o isolamento se transformou em lockdown impondo restrições de circulação mais severas incluindo rodízio de veículos. Como afirmamos, as necessidades das crianças precisam ser supridas pelas cuidadoras, e estas necessidades não obedecem dia ou horário. Esta precisará se deslocar para suprir demandas não previstas de remédios e comida para sua família como relata Gleyse Kelly, mãe de Giovana (PE), que mora em um bairro de baixa-renda na cidade do Recife:

Ela usa quatro medicamentos. Pra buscar medicamentos está sendo difícil. Meu esposo tem moto, porém tem o rodízio. A placa dele é ímpar, dias pares não podemos rodar. Pra irmos ao supermercado é uma dificuldade. Minha família é grande, cinco crianças e quatro adultos, porque eu moro com meus pais. A gente deixou de comprar no mercado grande, porque compramos em grande porte pra sair mais barato. Então, pra ir no supermercado a gente não pode ir, tem que ser mercado do bairro, porque se for parado em blitz tem que ter justificativa. Então tá muito difícil (Relato de Gleyse, concedido a Silvana Matos, no dia 24/05/20).

Como exemplificou Flávia Biroli (2020), os riscos sanitários e econômicos são vivenciados de forma distinta pelas pessoas e dependem de sua ocupação, acesso a recursos e de suas condições de moradia e sanitárias. Portanto, isolamento e *lockdown* não têm os mesmos efeitos para todas as mulheres. As que têm filhos com deficiência não vivenciam o mesmo tipo de quarentena das mulheres das classes mais altas, que podem circular com mais segurança nos trajetos às farmácias e supermercados, tendo ainda dinheiro para realizar compras de alimentos e remédios por meio de aplicativos de entrega. Quando se adiciona à equação uma pessoa com deficiência, a mulher tem que lidar com os imponderáveis e com a dificuldade de se manter ao máximo isolada, quando se precisa circular e comprar emergencialmente remédios e comida. Ou seja, fazer isolamento a contento, acaba por ser também um privilégio de classe.

Germana, conseguiu fazer dezesseis dias de isolamento por causa do filho e também porque:

(...) tinha acabado de sair da radioterapia e meu organismo estava muito fragilizado. Mas surgiram demandas das mães do interior. A pessoa em casa gasta mais com comida, energia, gás. Muitas mães não gastavam muito com isso porque as crianças estavam na escola e comiam lá. Comecei a escutar das mães que tinha começado faltar comida. Também estavam dentro de casa o tempo todo morrendo de medo do vírus nas crianças. Não tinham álcool gel nem dinheiro pra comida. Tive que cair em campo. Fiz campanhas de doações com parceiros, consegui álcool, cestas básicas, máscaras para toda família, produtos de limpeza, higiene pessoal e fraldas. As crianças não estavam incluídas na vacinação de gripe. Enviei ofício para Mandetta e para os secretários de saúde dos municípios pedindo vacinação em domicílio para toda família. Articulei com a Secretaria de Saúde, que levava as doações para as Gerências Regionais de Saúde do interior e as apoiadoras entregavam as mães. Mas ficou inviável e comecei viajar para o interior e deixava as doações nas GERES e as apoiadoras entregavam as mães (Relato de Germana, concedido a Silvana Matos, no dia 26/05/20).

O caso de Germana, que tem atuado na linha de frente provendo o mínimo necessário às mulheres e seus filhos, tem sido a realidade de muitas presidentes de associações em SCZV pelo Brasil. Quebrar o isolamento e ter que viajar tem sido considerado serviço essencial por estas famílias, como tantos outros serviços, em que as mulheres são maioria e estão na linha de frente nesta epidemia. Como bem exemplificou Denise Pimenta (2020), pandemia é coisa de mulher, uma vez que esta é o elo responsável pelo cuidado doméstico de suas famílias e comunidades. Nesse sentido, tanto Germana como as demais presidentes das associações de SCZV exerceram o cuidado que

vulnerabiliza e que pode adoecer, ou seja, aquilo que Denise Pimenta chamou de “Cuidado Perigoso” (PIMENTA, 2019).

Com relação a suspensão das reabilitações, Eliza Williamson (2020), fez questionamentos interessantes: que tipo de estímulo e intervenção terapêutica as crianças perdem na quarentena? Esse “perder” é distribuído de maneira desigual? Quais serão os impactos nas crianças? Jaqueline, mãe do Daniel (PE), moradora de um bairro popular em Olinda, responde algumas destas questões:

A epidemia suspendeu tudo. É muito triste ver que meu filho estava desenvolvendo e começou a regredir. Daniel não abre mais os braços, as perninhas dele doem muito. Ficou muito triste essa situação, porque os meninos eram para estar progredindo e estão regredindo (Relato de Jaqueline, concedido a Silvana Matos, no dia 21/05/20).

Embora tenha crescido a disponibilização da telessaúde, este serviço está apenas voltado para acompanhamento da COVID- 19, não incluindo demandas terapêuticas das crianças como informa Gleyse:

a gente como mãe tenta trabalhar nas crianças em casa. Só que a gente não é fisio, fono, terapeuta ocupacional, neuro, pediatra. Muita coisa a gente faz com medo de estar fazendo errado. A gente fica pensando que se fizer algo errado nas crianças não vamos ter nem como amanhã conversar com a fisio e ela trabalhar, nos mostrar uma forma certa, porque não sabemos quando as terapias irão voltar. Estamos ansiosas e muito atentas, isso preocupa muito (Relato de Gleyse concedido a Silvana Matos, no dia 24/05/20).

Mas a aflição destas mulheres vai além da observação do comprometimento neuropsicomotor dos filhos. A morte de crianças com SCZV tem sido uma realidade. Arthur, filho de Inamá Santiago, moradora de um bairro de baixa-renda em Maracanaú/CE, veio a óbito com suspeita da COVID-19 e foi enterrado antes do resultado do exame e por isso teve que seguir o protocolo: sem contato da família, caixão fechado, sem velório como analisaram Andreia Vicente da Silva (2020) e Gabriela Irrazábal e Ana Lucía Olmos Álvarez (2020) sobre velórios e morte em tempo de COVID-19. Inamá informou ainda que seu filho foi enterrado sem roupas:

Tudo foi tão desumano. Não deixaram a gente ver colocar nosso filho no caixão. A roupinha do meu filho não vestiram. O rapaz da funerária se recusou a vestir a roupinha nele. Foi mais uma dor, meu filho enterrado pelado. Seguimos para o cemitério e não deixaram sequer a gente segurar na alcinha do caixão dele, enterramos e ficamos a um metro de

distância (Relato de Inamá, concedido a Silvana Matos, no dia 16/04/20).²

A morte do filho de Inamá foi um dos primeiros casos de crianças com SCZV com suspeita de óbito para COVID-19. Não à toa, repercutiu muito entre as mulheres. Erijessica Pereira, mãe de Cecília, advogada e moradora de um bairro de classe média em Mossoró (RN), relata o que é vivenciar uma epidemia de COVID-19 tendo uma filha com SCZV.

Aquele caso de Ceará eu chorei tanto. Entrei em pânico. Se essas crianças pegarem Corona o risco de sobreviver é mínimo. Sem contar que se tiver uma filha minha, uma pessoa com deficiência, e um jovem, minha filha não vai ser escolhida pra usar respirador. Ela é descartada. A gente entra pânico pra não ser vítima de mais uma epidemia. Já fomos vítimas de uma, e em menos de cinco anos enfrentar outra (Relato de Erijessica, concedido a Silvana Matos, no dia 23 de abril de 2020).

A preocupação de Erijessica é pertinente, tendo em vista os protocolos de prioridade em UTIs que quantificam doença crônica, comorbidade, comprometimento neurológico, pontuando ainda sobre a “capacidade de trabalhar normalmente” até “incapacidade de realizar autocuidado”³. Diversas entidades⁴ e autores (Von der Weid, 2020) tem criticado estes protocolos por não considerarem as singularidades da pessoa com deficiência em tempos de pandemia.

Portanto, reafirmamos que a vulnerabilidade é uma relação política desigual e determinados grupos, a exemplo das mulheres e de seus filhos com SCZV, são mais expostos à ansiedade, angústia, incerteza, medo, empobrecimento, adoecimento e morte, como explica Germana

nossas crianças não são prioridade na utilização de UTI, de um respirador, trazendo mais angústia. É como se as crianças da gente fossem inúteis, fossem um peso para sociedade, e se morrer, melhor. Aquela criança não é só mais um número, aquela criança é a nossa criança, é o nosso filho, tem uma história por trás, tem uma família, uma mãe, algumas não tem pai, mas tem avô, tem irmãos (Relato de Germana Soares, concedido a Silvana Matos, no dia 26/05/20).

2 O resultado do exame de Arthur, filho de Inamá, deu negativo para a COVID- 19.

3 Disponível em <http://www.cremepe.org.br/2020/04/28/cremepe-publica-recomendacao-no-05-2020/> Acesso: 02/10/2020.

4 Disponível em <http://www.portal.abant.org.br/2020/05/11/comite-deficiencia-e-acessibilidade-manifesta-apoio-a-nota-todas-as-vidas-importam-que-versa-sobre-o-risco-de-exclusao-ilegal-no-atendimento-a-pessoas-com-deficiencia-durante-a-pand/> Acesso 02/10/2020.

Quando duas epidemias se encontram os efeitos para a pessoa com deficiência seja pelo Zika (MATOS, 2020) ou por outra causa (FIETZ; MELLO; FONSECA, 2020) são complexos. Os relatos de mães de filhos com SCZV demonstram que determinadas políticas adotadas tornaram ainda mais vulneráveis seus filhos e por consequência elas também. Com a pandemia da Covid-19 estas mulheres tiveram que reorganizar o cuidado com seus filhos a partir de mais um “evento crítico” (Veena Das, 1995) reforçando aquilo que Johnson-Hanks (2002) chamou de conjuntura vital e que Scott et al, (2018) observou nos cuidados com as crianças que tem a SCZV.

Assim, antropologia pode contribuir para entendermos epidemias globais como fenômenos que tem rebatimentos distintos em contextos locais e em grupos específicos, além de construir uma história que não é feita apenas de estatísticas, mas de rostos e biografias, como informou Jean Segata (2020) e Germana Soares.

Considerações finais

As epidemias muitas vezes são vistas como *outbreaks*, situações inesperadas e extraordinárias. Contudo, é importante situá-las como algo gestado e com conexões no impacto humano no ambiente acrescido da permanência das desigualdades estruturantes. Torna-se importante entender que para muitos grupos, a exemplo das mulheres que tem filhos com SCZV, que tanto a pandemia de COVID-19 como a epidemia do Zika fazem parte de um contexto mais amplo de desigualdades que demonstram crises duradouras ao invés de rupturas ocasionadas por um *outbreak*. Estas vulnerabilidades tendem a ser persistentes e agudizadas quando duas epidemias se encontram em vidas já precarizadas. Esperamos ter demonstrado com este relato que apesar da emergência de Zika ter saído da pauta, estas mulheres e crianças vivenciam no cotidiano uma eterna emergência, que agora foi aprofundada pela pandemia da COVID-19.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Raquel Lustosa C; FLEISCHER, Soraya. (2018). ‘O Que Adianta Conhecer Muita Gente e no Fim das Contas Estar Sempre só?’ Desafios da maternidade em tempos de Síndrome Congênita do Zika Vírus. revista Antropológicas vol. 29, n.2, pp.6-27.
- AMARAL, Lígia Assumpção. (1994). “Corpo desviante/olhar perplexo”. Psicologia USP, vol.5, n.1. São Paulo, pp.245-268.
- BIEHL, João; GÜNAY, Onur. (2020). “How to teach anthropology in a pandemic?” Somatosphere - Series: Dispatches from the pandemic. s/l,s/p. Disponível em: <http://somatosphere.net/2020/how-to-teach-anthropology-in-a-pandemic.html/>
- BIROLI, Flávia. (2020). A tragédia brasileira. Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus, n.81. São Paulo, s/p.
- CASTRO, Luísa Reis; NOGUEIRA, Carolina Oliveira. (2020). “COVID-19 e Zika: narrativas epidêmicas, desigualdades sociais e responsabilização individual”. Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus, n.31. São Paulo, s/p.

- DINIZ, Debora. (2016a). *Zika: do Sertão nordestino à ameaça global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DINIZ, Debora. (2016b). *Vírus Zika e mulheres*. Cadernos de Saúde Pública, vol. 32, n.5. Rio de Janeiro, pp.1-4.
- DINIZ, Debora. (2017). *Zika em Alagoas: a urgência de direitos*. Brasília: Letras Livres.
- FIETZ, Helena; MELLO, Anahí Guedes de; FONSECA, Claudia. (2020). “Conexões íntimas e corporalidades singulares: deficiência em tempos de pandemia da Covid-19”. Boletim Cientistas Sociais e o Coronavírus, n.61 São Paulo, s/p.
- FLEISCHER, Soraya. (2017). “Segurar, caminhar e falar: notas etnográficas sobre a experiência de uma mãe de micro no Recife/PE”. Caderno de Gênero e Diversidade, v. 3, n. 2, pp. 93-112.
- FLEISCHER, Soraya. (2018). “Cenas de microcefalia, de cuidado, de antropologia (Recife, setembro de 2017)”. Cadernos de Campo, vol.27, n.1. São Paulo: pp.118-131.
- IRRAZÁBAL, Gabriela; ÁLVAREZ, Ana Lucía Olmos. (2020). ¿Cómo se gestionan la muerte y el duelo en situaciones de pandemia? Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus, N. São Paulo, s/p.
- JOHNSON-HANKS J. (2002). On the limits of life stages in ethnography: toward a theory of vital conjunctures. American Anthropologist, vol.104. n.3. S/l: pp.865-80.
- LIRA, Luciana; SCOTT, Russel Parry; MEIRA, Fernanda. (2017). “Trocias, gênero, assimetrias e alinhamentos: experiência etnográfica com mães e crianças com síndrome congênita do Zika. Antropológicas vol.28, n.2. Recife, pp.206-237.
- MATOS, Silvana Sobreira de. (2020). “Unidos pelo contágio?” Novas precarizações das famílias que tem filhos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus em tempos de pandemia da COVID-19. Boletim Cientistas sociais e o coronavírus, n.53. São Paulo, s/p.
- MATOS, Silvana, QUADROS, Marion Teodósio; SILVA, Ana Claudia Rodrigues. (2019). “A negociação do acesso ao Benefício de Prestação Continuada por crianças com Síndrome Congênita do Zika Vírus em Pernambuco”. Anuário Antropológico, vol.44, n.2. Brasília: pp.229-260.
- MELLO, Anahi Guedes de; NUERNBERG, Adriano Henrique. (2012). “Gênero e deficiência: interseções e perspectivas”. Estudos Feministas, vol.20, n.3. Florianópolis, pp:635-655.
- MELLO, Anahí Guedes de. Gênero, (2014). *Deficiência, Cuidado e Capacitismo: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: PPGAS/UFSC.
- ORTEGA, Francisco. (2009). Deficiência, autismo e neurodiversidade. Ciência & Saúde coletiva, vol.14, n.1 Rio de Janeiro, pp.67-77.

- PIMENTA Denise. (2020). "Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica". *Tessituras*, vol.8. n.1. Pelotas: pp. 08-12.
- PIMENTA Denise. (2019). *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (A epidemia do ebola contada por mulheres, vivas e mortas)*. Tese de doutorado em Antropologia Social. 351f. São Paulo: PPGAS/USP.
- QUADROS, Marion Teodósio de; MATOS, Silvana Sobreira de; SILVA, Ana Cláudia Rodrigues. (2019). "Emergência, cuidado e assistência à saúde de crianças com Síndrome Congênita do Zika vírus: Notas sobre os serviços de saúde e a atuação das mães, em Pernambuco". *Revista Antropológicas*, vol.30,n.2, pp.263-289.
- SCOTT, Russel Parry. (2020b). "Sendo prioridade entre prioridades: Fortalecimento mútuo e desentendimentos na articulação de cuidados entre casa, serviços e áreas de conhecimento". In SCOTT, Russel Parry; LIRA, Luciana Campelo; MATOS, Silvana Sobreira de. (orgs). *Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika*. Recife: EdUFPE, pp. 12- 24.
- SCOTT, Russel, Parry. (2020b). "Mobilidades familiares nas epidemias do Zika e do Coronavírus". *Boletim Cientistas sociais e o coronavírus*, n.55. São Paulo, s/p.
- SCOTT, Russell Parry; QUADROS, Marion Teodósio; SILVA, Ana Cláudia Rodrigues, LIRA, Luciana Campelo; MATOS, Silvana Sobreira; MEIRA, Fernanda; SARAIVA, Jeíza. (2017). "Epidemia de Zika e as articulações das mães num campo tensionado entre feminismo, deficiência e cuidados." *Cadernos Gênero e Diversidade*, vol.3, n.2. Salvador, pp.73-92.
- SCOTT, Russel Parry; LIRA, Luciana Campelo; MATOS, Silvana Sobreira de; SOUZA, Fernanda Meira; SILVA, Ana Claudia Rodrigues; QUADROS, Marion Teodósio. (2018). "Itinerários terapêuticos, cuidados e atendimento na construção de ideias sobre maternidade e infância no contexto da Zika." *Interface* vol. 22, n.66, Botucatu, pp.673-684.
- SCOTT, Russel Parry; LIRA, Luciana Campelo. (2020). "A gestão do tempo no tempo da emergência: o cotidiano das mães e crianças afetadas pela Síndrome Congênita do Zika". *Ayé: Revista de Antropologia* v.2, nº 1. Buenos Aires, pp.14-29.
- SEGATA, Jean. (2020). "Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia". *Boletim Cientistas sociais e o coronavírus*, n.2. São Paulo, s/p.
- SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da; Matos, Silvana Sobreira de Matos; Quadros, Marion Teodósio. (2017). "Economia Política do Zika: realçando relações entre Estado e cidadão". *Anthropológicas* vol.28, n.1. Recife, pp.223-246.
- SILVA, Ana Cláudia Rodrigues da; LIRA, Luciana Campelo. (2020). "Questões sobre Antropologia e Emergências em Saúde: algumas palavras sobre a experiência do Zika Vírus e a Pandemia da Covid-19". *Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus*, n.31. São Paulo, s/p.

- SILVA, Andreia Vicente da. (2020) “Velórios em tempos de Covid-19”. Boletim Cientistas Sociais e o coronavírus, n. 25. São Paulo, s/p.
- VAN GENNEP, Arnold. (1978). *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes.
- VEENA DAS, (1995). *Critical events: An anthropological perspective on contemporary India*. Delhi: Oxford University Press.
- VON DER WEID, Olivia. (2020). ‘A escolha de Sofia?’ Covid-19, deficiência e vulnerabilidade: Por uma bioética do cuidado no Brasil. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, suplemento Reflexões na Pandemia. Rio de Janeiro: pp. 1-20.
- VON DER WEID, Olivia. (2018). “Entre o Cuidado e a Autonomia: deficiência visual e relações de ajuda”. Revista ANTHROPOLÓGICAS vol.29, n.2. Recife, pp.49-82.
- WILLIASOM, Eliza (2018). “Cuidado nos tempos de Zika: notas da pós-epidemia em Salvador (Bahia), Brasil”. Interface vol. 22, n.66, Botucatu, pp. 685-696.
- WILLIAMSON, Eliza. (2020). “What Comes After COVID-19”. Somatosphere. s/1, s/p. Disponível em <http://somatosphere.net/forumpost/what-comes-after-covid-19/>

sobre as autoras

Silvana Sobreiro Matos

É doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco e mestra em Antropologia pela mesma instituição. Também possui título de mestra em Sociologia pela Università degli Studi Roma Ter, e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Campina Grande.

Ana Cláudia Rodrigues da Silva

Professora do Departamento de Antropologia e Museologia da Universidade Federal de Pernambuco. É doutora e mestra em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

Recebido em 30/05/2020

Aceito para publicação em 20/09/2020